



Doutoramento Honoris Causa

Presidente Juan Manuel Santos

Discurso Reitor da Universidade NOVA de Lisboa, Prof. Doutor João Sàáqua

A atribuição, hoje, deste Doutoramento *Honoris Causa* tem, para a Universidade Nova, um triplo significado:

- É o reconhecimento académico por parte da Universidade de um povo e de um país amigo, a Colômbia, com o qual a Universidade Nova já tem e quer ter cada vez mais colaboração universitária;
- É o reconhecimento académico por parte da Universidade da importância de dedicar uma vida inteira a servir, de modos diversos, a sociedade do seu país; e
- É o reconhecimento académico por parte da Universidade da importância, da nobreza e do carácter verdadeiramente decisivo da causa da Paz para a história da humanidade e, sobretudo, para o seu futuro.

É admirável que este triplo significado do Doutoramento Honoris Causa de hoje se concentre num único homem: o Presidente Juan Manuel Santos. Senhor Presidente: seja muito bem vindo à comunidade académica da Universidade NOVA e saiba o quanto estamos orgulhosos por podermos dizer que é 'um dos nossos'.

A Universidade Nova tem protocolos de colaboração com a Universidad de Los Andes e com a Universidad EAFIT, sobretudo nas áreas da Economia e da Gestão. No âmbito destes protocolos, cerca uma dezena de estudantes passa anualmente o Atlântico nos dois sentidos e vem ou vai estudar num país diferente, aí fazendo colegas e amigos, conhecendo os costumes e a cultura local e contribuindo deste modo para o estabelecimento de laços de amizade, que se

querem duradouros, entre cidadãs e cidadãos dos dois países. Desses laços de amizade surgirão possivelmente iniciativas conjuntas e benéficas não só para os próprios mas também para os seus países.

Já foi aqui amplamente ilustrado, pelo Professor António Rendas, que modos encontrou o Presidente Juan Manuel Santos para, ao longo da sua vida, servir a sociedade do seu país. Aqui vejo eu uma analogia com a missão das Universidades no contexto actual e, sobretudo, um exemplo a seguir.

O contexto actual é, como se sabe, o de um mundo globalizado e em mudança permanente e a 'alta velocidade'. Associada a esta mudança estão um sem número de importantes incertezas, relativas a processos sociais, instituições, profissões, modos de vida, aspectos culturais, religiosos, políticos, crenças e valores. Essas incertezas, abstratamente formuladas, são acerca de quais destes elementos permanecerão, quais mudarão e como, e quais deixarão simplesmente de existir.

Em nenhuma época parece o fenómeno da mudança foi tão profundo, extenso e acelerado – numa palavra: tão extremo – como na actual. O poder penetrante da digitalização e das tecnologias da informação funciona como uma espécie de reator atómico que se acopla às tecnologias mais tradicionais e leva a mudança a todo o lado, a todo o momento e a todas as coisas.

É óbvio que a globalização em ambiente de mudança extrema tem aspectos extraordinariamente positivos e outros muitíssimo negativos.

Contam-se por entre os primeiros, por exemplo: a disseminação irreversível e mundial dos valores da cidadania activa, solidária e inclusiva; o enorme progresso do desenvolvimento económico e social; o avanço sem precedentes do conhecimento em áreas críticas como a saúde, o cérebro ou a sociedade; e a explosão de novidades tecnológicas associadas à indústria 4.0. Todas estas áreas são

testemunhas de um trabalho colaborativo global, sem precedentes, cujos resultados parecem às vezes do âmbito da ficção científica.

Os aspectos que chamei “muitíssimo negativos” incluem, por exemplo: o regresso dos nacionalismos radicalizados; a tendência difusa para o solipsismo digital e para o individualismo extremo; o aumento brutal da ganância e das desigualdades de todo o tipo; a descredibilização, por inépcia, de instituições cruciais; o terrorismo global e a proliferação de ameaças bélicas com impacto mundial.

As universidades que verdadeiramente contam são instituições centrais neste contexto de mudança extrema e global: elas são o lugar onde as coisas boas, as que referi e muitas outras, se criam em toda a sua genialidade e se transmitem em toda a sua fecundidade. E elas são, também, o lugar onde as pessoas se reconhecem em toda a sua diversidade, se desafiam com toda a lealdade, se estimam em todo o seu mérito e se prezam em toda a sua virtude. Elas são, por fim, o lugar onde os aspectos a que chamei “muitíssimo negativos” se reduzem e dissipam, fazendo nascer a compreensão, a colaboração e a amizade. Essa é a natureza das universidades que, hoje, verdadeiramente contam. E é assim que as universidades honram os seus países e dão um contributo decisivo, e bom, para o futuro de todos.

A Universidade Nova de Lisboa é já, e está empenhada em ser cada vez mais, uma universidade que verdadeiramente conta. Por isso mesmo, a atribuição do título de Doutor Honoris Causa ao Presidente Santos e, repito, o podermos dizer que é ‘um dos nossos’, atesta através da sua pessoa o compromisso com a sociedade que pretendemos assumir como instituição.

Por fim, mas certamente não por último, o tema da Paz. Este tema, quase sempre pensado através da sua antítese a Guerra, desafiou as mentes mais brilhantes da civilização, de Platão a Mahatma Gandhi. Na Europa do Iluminismo uma parte essencial do problema da Guerra e da Paz consistia na discussão acerca do estado natural do homem: é o homem por natureza um ser vocacionado para a guerra ou é o homem por natureza um ser bom que a civilização veio corromper? Saber responder de modo fundamentado e articulado a este problema



parecia essencial para se determinar a natureza do contrato social – mais ou menos repressivo, mais ou menos democrático – que traria à sociedade o espírito das luzes e permitiria o seu progresso em paz.

O filósofo alemão Immanuel Kant tinha a este propósito uma posição particularmente interessante. O seu raciocínio é simples, mas genial. Ele consiste essencialmente em conectar este problema com a liberdade e o dever. Ser livre, para Kant, não pode ser equivalente a fazer o que se quer, agir em função dos nossos desejos sem limitações ou impedimentos. Com efeito, o homem é um ser físico sujeito às leis físicas e fisiológicas e os seus desejos decorrem dessa sua sujeição a essas leis. Acontece que o homem não escolheu livremente nem essas leis, nem a sua sujeição a elas, nem, por consequência, os desejos que daí decorrem. Ser livre não pode, portanto, ser querer dizer “agir em função dos meus desejos sem limitações”. Contudo, apesar do homem ser um ser físico sujeito às leis físicas e fisiológicas, que não escolheu, ele é mesmo assim capaz de distinguir entre o bem e o mal e capaz de agir de acordo com uma lei que não é física: a lei moral. Ele é mesmo o único ser que pode escolher entre ambas: lei física e lei moral. Ser livre é, então, agir, por escolha própria em função dessa lei moral, ou seja: agir por dever.

A consequência para o nosso problema sobre a guerra e paz é óbvia: mesmo que a guerra seja aquilo que está mais próximo do nosso estado natural, a paz nunca poderá ser imposta através de uma força exterior, a não ser de forma muito precária e transitória. Aquilo que Kant designava por ‘a paz perpétua’ só poderá resultar quando as mulheres e os homens, na sua maioria, agirem livremente, por escolha própria, em função da lei moral.

Não é aqui o momento de estar a explicar o que é, para Kant, a lei moral. É, sim, o momento de referir algumas passagens do impressionante discurso de Presidente Juan Manuel Santos quando recebeu, em Estocolmo, no ano de 2016, o Prémio Nobel da Paz. Lembremo-nos que essas palavras foram proferidas após mais de 50

anos de guerra civil, mais de 220 mil vidas ceifadas pela guerra, e após seis anos de intensas negociações com as FARC no fim das quais foi conseguido um acordo de paz, mas também após a rejeição desse acordo em plebiscito por uma maioria tangencial.

Eis então as citações:

“Como a própria vida, a paz é um processo com muitas surpresas. Apenas dois meses atrás, as pessoas na Colômbia e, de facto, em todo o mundo, ficaram chocadas ao saber que, em um plebiscito chamado a ratificar o acordo de paz com os guerrilheiros das FARC, houve um pouco mais de votos "Não" do que "Sim".”

Que fez então o Presidente Santos? Cito:

“Como Chefe de Estado, procurei compreender o significado desse revés inesperado e, de imediato, pedi um amplo diálogo nacional para buscar a unidade e a reconciliação.

Eu estava determinado a transformar este recuo numa oportunidade de desenvolver o maior consenso possível para alcançar um novo acordo.

Eu dediquei-me a ouvir as preocupações e recomendações daqueles que votaram "Não", daqueles que votaram "Sim" e da maioria que não votou - com o objetivo de alcançar um acordo novo e melhorado, um acordo que toda a Colômbia poderia abraçar.

Hoje, temos um novo acordo para acabar com o conflito armado com as FARC, que incorpora a maioria das propostas que recebemos.”

E o Presidente Santos conseguiu a paz deste modo, porque, como nota mais adiante e cito: “é insensato acreditar que o fim de qualquer conflito deve ser a eliminação do inimigo. Uma vitória final através da força, ..., não é senão a derrota do espírito humano”.

Foi assim e graças à liderança do Presidente Santos que, nas suas próprias palavras, o Povo Colombiano transformou o impossível em

possível – expressão que repete enfaticamente várias vezes no seu discurso do Nobel e que dá mesmo o título ao discurso.

Quando referi muito brevemente a posição de Kant sobre a paz, a liberdade e a lei moral, tê-la-ão achado, admito, interessante mas demasiado utópica para servir de guia a um itinerário para a paz. Bom, dei-vos agora, um exemplo kantiano de como, graças à visão e ao carácter de um líder, se pode tornar possível esse caminho que parecia impossível.

Portugal, felizmente, há mais de 4 décadas que não conhece a guerra. Mas vários acontecimentos que ocorreram durante os últimos cerca de 10 anos, foram de molde a criar uma fortíssima necessidade de reconciliação nacional. Sem esta reconciliação estaremos demasiado presos das nossas inclinações, possivelmente negativas, e não seremos por isso verdadeiramente livres para assumir conjuntamente o futuro. Acontece que temos a honra de ter connosco o homem que entendeu a sua missão como Presidente da República Portuguesa como devendo essencialmente consistir na promoção da reconciliação nacional. Um homem que graças ao seu exemplo e à sua incansável actuação nessa direcção contribuiu decisivamente para devolver a esperança a tantos portugueses. Senhor Presidente Marcelo Rebelo de Sousa a Universidade Nova, que, embora modestamente, deve apoiar também através do conhecimento e de uma cultura de compreensão e inclusão a construção do futuro dos portugueses, tem agora um excelente momento para lhe dizer o quanto é para nós valiosa essa sua escolha e o quanto lhe estamos gratos por ela.

Não é frequente que uma cerimónia deste género conte com a presença de dois Presidentes, certamente com perspectivas distintas sobre os seus países, mas ambos com um tão elevado sentido de humanidade, de reconciliação nacional e de esperança no futuro. Hoje é um dia feliz para a Universidade Nova. A ambos muito obrigado.